



Resenhas

a anarquia nas flores de outono: Kôtoku Shusui

LUÍZA UEHARA

Philippe Pelletier (org.). *Kôtoku Shusui: socialiste et anarchiste japonais*. Paris, Éditions du Monde Libertaire, 2015, 88 pp.

Anarquia no Japão pode ser traduzida como *museifushugi*, palavra que em sua decomposição de kanjis seria “pensamento sem governo”. O anarquista japonês Kôtoku Shusui optava por *museifushugi* em vez de *anakizumo*, derivada do inglês *anarchism*. Kôtoku foi um homem em transformação e nunca temeu descobrir novos percursos, preocupado com as práticas anarquistas que enfrentassem as urgências no Japão. *Museifushugi* era vital para combater o Imperador, hierarquias e encarar as alterações pelas quais passava o Japão. Kôtoku enfrentou o Império Meiji, costumes obedientes e percorreu o Japão e os EUA sem se prender a líderes e seus enrijecidos discursos.

A obra de Philippe Pelletier, anarquista e geógrafo francês, resgata a vida de Kôtoku em suas rupturas, deslocamentos, prisões e amores. Lançado pela Édition du Monde Libertaire da Federação Anarquista francesa, o livro divide-se

Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: luíza.uehara@gmail.com.



em duas partes: a primeira apresenta o contexto histórico de Kôtoku com a abertura dos portos do Japão e a industrialização do país durante o Império Meiji, e a segunda reúne uma breve seleta de quatro textos de Kôtoku redigidos entre 1904 e 1910.

Kôtoku Denjirô nasceu em 4 de novembro de 1871, ano em que na Europa eclodiu a Comuna de Paris, em uma família gôshi, meio camponesa e meio guerreira, e sem grande reconhecimento social — fator que delimita as hierarquias na sociedade japonesa, principalmente no campo. Com a consolidação da Era Meiji, o desenvolvimento das cidades, o êxodo rural, a proibição e perseguição de samurais e qualquer outro traço que lembrasse o xogunato (regime anterior), a família Kôtoku viu-se em uma situação deplorável de pauperismo.

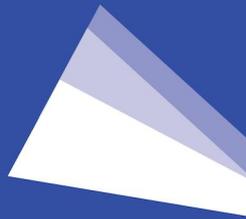
Ainda criança, como mostra Pelletier, os incômodos de Kôtoku tomaram forma com sua filiação ao JMU (Jiyû Minkin Undô — Movimento pela liberdade e pelos direitos do povo), com apenas 12 anos. Como era um dos poucos que sabia ler e escrever, editou *O jornal das crianças*. O JMU era uma organização múltipla e confusa aos olhos ocidentais por não definir quais eram seus objetivos e seus meios de ação. Abrigou pensadores liberais, sociais-democratas e socialistas que queriam combater as explorações do novo regime. O JMU buscava compreender tanto a nova configuração das forças como as noções que chegavam do ocidente: sociedade, população, democracia, cristianismo, revolução...

Simultaneamente à ebulição desses novos pensamentos, o governo japonês, principalmente com receio de ser humilhado como a China na Guerra do Ópio, tinha como

verve

30
2016

Revista do NU-504 — Núcleo de Sociabilidade Urbana
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PCC-SP





A anarquia nas flores de outono: Kôtoku Shusui

slogan o *fujoju kyôei* — “um país rico, uma arma forte” —, e passou a condenar certos pensamentos: “pensamento de estrangeiro, pensamento perigoso” (*gaikokujin no shisô, kiken na shisô*). Era o caso do socialismo e do anarquismo.

Kôtoku acompanhou a efervescência de lutas no Japão, como a Comuna de Chichibu (1883-1884), no interior montanhoso de Tóquio; no mesmo período, a eclosão do levante na região de Ashio diante das condições insuportáveis em que se encontravam os trabalhadores das minas de cobre e a poluição que destruía qualquer cultivo. Todas massacradas pelo Império Meiji.

Em 1887, Kôtoku partiu para Tóquio, onde reencontrou Nakae Chômin, um radical da JMU que sugeriu a Kôtoku o nome Shusui: flores de outono. Segundo Pelletier, provavelmente referia-se à melancolia e à sensibilidade de Kôtoku. Nakae incentivou Kôtoku a aprender inglês para que pudesse compreender as noções tão novas que chegavam ao Japão, o que foi fundamental para tornar-se jornalista, profissão que exerceu até sua morte.

Kôtoku estudava o socialismo e preocupava-se com uma saída. Tornou-se integrante ativo do Shakaishugi kenkyû-kai (Grupo de pesquisa sobre o socialismo) e criticou a apatia e a subserviência das pessoas ao não se rebelarem contra o governo em “A paralisia do povo” (1897) e “Um povo sem ideal” (1900). Redigiu reportagens sobre as condições deploráveis a que se submetiam os trabalhadores têxteis, como no texto “Abolir o dinheiro” (1900), com circulação atual entre arquivos anarquistas online, em que situa o capitalismo não somente enquanto um sistema financeiro, mas como um governo de nossas relações; uma bactéria assassina que toma o corpo e aos poucos o vai destruindo.



Em 1904, Kôtoku fundou a Hemin-sha (Sociedade do Povo), que publicava o *Heimin Shimbun* (*Jornal do Povo*) — periódico mais importante entre socialistas e anarquistas na primeira metade do século XX no Japão. Na época, Kôtoku já havia rompido com o liberalismo e dedicava-se ao socialismo. Junto com Sakai Toshihiko, traduziu e publicou a primeira edição em japonês do *Manifesto do partido comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels.

O *Heimin Shimbun* foi um forte opositor à guerra russo-japonesa (1904-1905). Na “Carta ao partido socialista da Rússia”, publicada em 13 de março de 1904, afirma-se que o patriotismo e o militarismo devem ser combatidos pelos trabalhadores, assim como propunha a Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada por Pierre-Joseph Proudhon em 1864.

O posicionamento do jornal levou à perseguição de seus integrantes pelo governo japonês que, em 1905, prendeu Kôtoku por não respeitar sua censura. A terrível experiência da prisão foi vital para Kôtoku, que então se aproximou dos escritos de Piotr Kropotkin, que já circulavam pelo Japão quando Nishikawa Kôjirô e Ketsumi Kesson traduziram alguns de seus artigos para o *Heimin shimbun*.

Um dos mais famosos escritos de Kôtoku é “Eu mudei minha opinião”, selecionado por Pelletier para compor o livro, em que o anarquista afirma que a prisão o modificou. Para Kôtoku, passou a ser inconcebível agir por meio do parlamento e do sufrágio, por meio da classe que possui a consciência ou do líder conscientizador. A ação direta pode trazer algo novo, diferente das velhas práticas sustentadas por hierarquias e representações.

Os textos de Mikhail Bakunin e Proudhon passaram



A anarquia nas flores de outono: Kôtoku Shusui

a ser publicados pelo *Heimin Shimibun*, o que culminou em seu fechamento e proibição, seguido da dissolução da associação *Heimin sha* no Japão.

Ao final de 1905, quando liberto, Kôtoku foi para os EUA e entrou em contato com anarquistas e socialistas em Berkeley, Seattle, Oakland e São Francisco. Lá, encontrou com japoneses que haviam imigrado para os EUA tentando fugir da fome e da miséria que se expandiam no campo e nas cidades japonesas. Mais tarde, muitos japoneses também imigram para o estado de São Paulo e foram explorados nas fazendas brasileiras.

Foi a partir da viagem aos EUA, quando conheceu a IWW e o anarquista Albert Johnson, com quem trocou inúmeras cartas até sua morte, que Kôtoku passou a destacar a importância da ação direta. Em outro artigo reproduzido no livro organizado por Pelletier, “A Heimin Sha salva e com saúde em São Francisco”, conta sobre como fundou uma ala da associação em São Francisco, e a sobrevivência desta após um terremoto seguido de um terrível incêndio que tomou a cidade. No incidente, em que bancos e cartórios queimaram, Kôtoku mostra como o Estado é desnecessário para garantir a existência ao observar que as pessoas se associaram para resolver seus próprios problemas na ausência daqueles que, entretanto, foram os primeiros a serem reconstruídos em nome da ordem.

Quando retornou ao Japão, em 1906, deparou-se com o Partido Socialista Japonês (PSJ) já consolidado e adepto do parlamentarismo. No ano seguinte, o partido seria proibido pelo governo, mas isso não impediu que Kôtoku criticasse suas ações ao reativar o *Heimin Shimibun*. Publicava artigos sobre ação direta, contra o parlamentarismo,



a representação e suas negociações, e traduzia artigos de Errico Malatesta publicados previamente na revista *Freedom* na Inglaterra.

Em 1908, Kôtoku conheceu Kanno Sugako, uma jornalista de Osaka. Apaixonaram-se e afirmaram o amor livre, o que levou a uma série de censuras de meios conservadores e cristãos, com que Kôtoku mantinha contato desde sua passagem pela JMU, bem como dos próprios anarquistas. O mesmo viria a acontecer anos depois, em 1916, com Ôsugi Sakae, censurado e isolado por alguns anarquistas por seu triângulo amoroso com Noe Itô e Kamichika Ichiko.

Cansado de ser perseguido por suas publicações relativas às prisões e execuções de anarquistas, socialistas e até de monges zen budistas que se opunham ao Imperador ou a sua política, laçou-se com Kanno em uma última ação direta: tentar matar o Imperador.

Em 1910, quando embarcava para a Europa para participar do Congresso Internacional Socialista, sediado em Copenhague, a polícia impediu Kôtoku de sair do país e prendeu mais 23 anarquistas, entre eles, Kanno Sugako. Em um de seus últimos escritos, de 8 de dezembro de 1910, “Discussão sobre a revolução violenta a partir de minha prisão”, também presente no livro, Kôtoku mostra que os anarquismos não são violentos e nem assassinos. Nas obras de Kropotkin e Elisée Reclus não há nada de violento. A violência não é produzida pelos anarquistas, mas pelo Estado. E contra essa violência, Kôtoku propõe a ação direta contra qualquer representante que queira dizer ou guiar como uma revolução deve ser.



A acusação que pesava sobre eles era a de conspiração contra o Imperador e de agitadores de uma publicação no consulado japonês em São Francisco, na Califórnia, por conta do aniversário do Imperador: “An open letter to Mutsuhito. The emperor of Japan. From Anarchist terrorist” (“Uma carta aberta a Mutsuhito. Imperador do Japão. Do Anarquista terrorista”). Até hoje autoria da carta é desconhecida.

As revistas *Freedom* e *Mother Earth*, publicada nos EUA por Emma Goldman, lançaram fotos, artigos e apelos pela não execução dos anarquistas. Não houve tempo para grandes repercussões; as condenações foram rápidas e, assim como aconteceria com Sacco e Vanzetti na década de 1920, nos EUA, 12 anarquistas foram condenados à forca — técnica introduzida no Japão na Era Meiji —, e outros 12 à prisão perpétua.

Após escutar a condenação no tribunal, Kôtoku repetiu os gritos dos anarcoterroristas europeus: “Viva os anarquistas!”, “Viva a anarquia!”. Foi executado com outros 10 em uma manhã de 24 de janeiro de 1911, depois de fumar seu último cigarro. No dia seguinte, Kanno também foi executada.

O percurso de Kôtoku se desdobrou nas experiências anarquistas no Japão com Ôsugi Sakae, que foi muito próximo dos anarquistas europeus na década de 1920, e com a jovem anarcoterrorista Kaneko Fumiko, ambos assassinados pelo governo japonês.

A ação direta está na vida de Kôtoku que não se aprisionou aos costumes japoneses, nem a algum partido. Como as flores de outono, não se prendeu a nenhuma árvore e com o vento foi em busca de outros espaços.

